

## PAISAGEM: UM CONCEITO CHAVE NA GEOGRAFIA

Emerson Lizandro Dias Silveira<sup>1</sup>

### LANDSCAPE: A KEY CONCEPT IN GEOGRAPHY

**Resumo:** Este artigo discute a paisagem como elemento conceitual de fundamental importância para o entendimento das relações homem-natureza, desde a gênese da Geografia, que como ciência adquire seu *corpus* teórico a partir do século XIX, como resultado das concepções da escola alemã. Analisa-se as diferentes acepções que o conceito paisagem adquire no decurso do século XIX para o XX e sua validade como categoria de análise nos dias atuais.

**Palavras chave:** Geografia; Paisagem; Geoecologia

**Abstract:** This article aims to discuss the landscape as a conceptual element of great importance in the understanding of the human-Nature relationship since the genesis of geography; that as a science acquires its theory *corpus* from the XIX century as a result of the German school concepts. We analyze here the different acceptations the landscape concept acquires throughout the XIX century up to the XX century and its value as a category worth analyzing nowadays.

**Keywords:** Geography – Landscape – Geoecology

## 1. INTRODUÇÃO

Toda ciência deve ter muito bem definido seu objeto de estudo, seu *corpus* teórico, que lhe dê a referida fundamentação. A Geografia, que instituiu-se como ciência no século XIX, por volta de 1870, debateu-se na construção de seu objeto de estudo e o definiu epistemologicamente no decorrer dos anos. Compreender a

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia. cursando Mestrando em Geografia pela UFSM. Rio Grande do Sul. Brasil  
emersongeors@gmail.com

ciência geográfica requer uma visão clara a respeito da constituição de sua teoria: suas leis e princípios, os quais permitem analisar um determinado fenômeno.

Pensar a Geografia requer uma revisão minuciosa e detalhada dos conceitos que lhe dão forma. Como ciência social, a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade, que é objetivada pela análise de cinco conceitos-chaves que entre si guardam forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana sobre a superfície terrestre: espaço, lugar, território, região e paisagem.

Essa base conceitual é muito complexa e abrange a superfície terrestre como objeto de estudo, a qual é dinâmica e está em constante transformação. Cada um dos conceitos indicados têm sido objeto de amplo debate, suscitando várias acepções, de acordo com uma ordem de pensamento que leva em consideração a formação intelectual do pesquisador e os interesses relacionados a pesquisa. É salutar ressaltar que este debate tem sido extremamente útil, pois nele, se revelam conflitos, o que permite avanços na teoria geográfica.

Consideraremos, inicialmente os diferentes pontos de vista sobre o conceito de paisagem, revisitando a origem e os antecedentes deste termo antes da sistematização efetiva da Geografia como ciência pela escola alemã no século XIX. Em seqüência, analisaremos a trajetória que o conceito de paisagem adquire no decurso do século XIX aos dias atuais e, por fim, a validade dos estudos de paisagem no momento em que se descortina uma crise ambiental, cujos desdobramentos são discutidos e analisados sob diferentes concepções teóricas e pontos de vista.

## **2. PAISAGEM: PONTOS E CONTRAPONTOS**

A discussão em torno do conceito de paisagem é um tema antigo. Desde a sistematização da Geografia como ciência no século XIX, vem sendo discutido para a efetiva compreensão das relações sociais e naturais de um determinado espaço. Em diferentes regiões do planeta o conceito paisagem em sendo utilizado, divergindo dentro de múltiplas abordagens. Segundo Figueiró (2001: p.5):

A maior parte dos estudos ambientais atualmente realizados reporta-se a diferentes modelos e concepções teóricas do conjunto unitário da natureza visível, ou seja, aquilo que chamamos Paisagem.

Na atualidade, a noção de paisagem tem sido para os geógrafos e cientistas de outras áreas (biólogos, agrônomos, ecólogos, arquitetos, entre outros), o ponto de partida para o entendimento das complexas relações entre o homem e a natureza, buscando através dela uma compreensão global da natureza, bem como possibilita projeções de uso, gestão de espaço e planejamento territorial. De acordo com essa premissa,

Paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos concretos. (SANTOS,1997 apud Suertegaray:p.5}

Nesse sentido pode-se conceber que a paisagem constitui-se como resultado do estabelecimento de uma inter-relação entre a esfera natural e a humana, na medida em que a natureza é percebida e apropriada pelo homem, que historicamente constitui o reflexo dessa organização.

Inicialmente o embate acerca da conceituação da Paisagem deu-se na dicotomia estabelecida pelos geógrafos que diferenciavam entre paisagem natural e paisagem cultural. A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de geologia, geomorfologia, vegetação, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbano e rural. Esses conceitos se atrelam a abordagens filosóficas e a uma questão de método de análise. Pode-se dizer que a diferenciação acima foi originalmente ligada ao Positivismo, numa escala mais estática, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e na geografia francesa sob a influência de Paul Vidal de La Blache que imprimiu uma forma mais dinâmica, entendendo-a com um caráter mais processual. Os estudos de paisagem inicialmente foram focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, sendo que progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo, com a individualização das paisagens culturais frente as naturais.

Sobre essa dicotomia, cabe um questionamento inicial: podemos separar um conceito como paisagem em dois, se estamos vivenciando um profundo debate

sobre as relações homem-meio? É possível afirmar que existem paisagens essencialmente naturais ou culturais?

Acreditamos ser impossível a separação entre as mesmas, na medida em que o advento da modernidade, a partir do século XVIII, impõe um modelo de ser, pensar e produzir inspirado numa visão mecanicista, enxergando a natureza como uma fonte inesgotável de recursos. A partir desse momento o homem altera a paisagem, imprimindo nela seus desejos, sonhos e perspectivas de desenvolvimento. Assim, evidencia-se a dificuldade de se abordar a paisagem sob uma perspectiva naturalista apenas.

Sabemos que esse modelo de desenvolvimento econômico se propagou em escala planetária e que hoje a dicotomia entre paisagem natural e cultural parece estar sendo superada, na medida em que, mesmo em áreas remotas do planeta, como a Antártida ou algum ponto da Floresta Amazônica, é possível visualizar a interferência do homem, que mesmo não estando *in loco*, exerce influência na medida em que discute, planeja e demarca áreas de preservação ambiental.

Apresentado deste modo, o estudo da paisagem, pela complexidade que sua análise descortina, exige, para sua efetiva compreensão, um enfoque - o qual será aqui analisado – que defina o conjunto de elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade da mesma.

Por ser uma ciência social, o debate em relação à paisagem, suscita na Geografia uma diversidade conceitual. Georges Bertrand(1971,apud MAXIMIANO. P.88), enfatiza que:

a paisagem não seria a simples junção de elementos geográficos..., mas a combinação dinâmica, estável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.

Nessa analogia, o autor não privilegia uma definição conceitual onde recaia a conotação natural ou cultural. Demonstra entender a paisagem de forma sistêmica, percebendo na mesma uma unidade que na sua acepção é indissociável.

Também o geógrafo Arturo García Romero, destaca que a interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem. “A dinâmica da paisagem se define por sua complexidade, pela integração de todas as partes numa única unidade (*sic!*) que existe e age em conjunto.” (ROMERO: 2002, p.23).

Por outro lado, o geógrafo norte-americano Carl Sauer, destaca:

Não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. (SAUER, 1998, p.42).

Carl Sauer, nessa premissa sugere uma separação de paisagem natural e cultural, pois identifica que é o homem o agente transformador da natureza, vislumbrando na sua ação duas naturezas: uma anterior e outra posterior a ação humana.

Em uma outra acepção, Paul Claval (1999, p296) afirma:

os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: eles são em parte funcionais em parte simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras: modela-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras ou construir os equipamentos e as habitações; molda-os através das preferências e os valores que dão as sociedades suas capacidades de estruturar espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído as diversas facetas da vida social; ajuda enfim a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um.

Assim, Claval atribui ao homem à responsabilidade de transformar a paisagem, bem como de imprimir na mesma transformações diferenciadas, criando uma preocupação maior com os sistemas culturais do que os elementos naturais da paisagem. A paisagem é humanizada não só pela ação humana, mas pelo modo de pensar. Desta forma, a paisagem é concebida como uma representação cultural.

Nessa breve análise, percebemos o quão dualista é a ciência geográfica na medida em que os autores têm concepções teóricas diferentes sob um mesmo objeto de estudo. Reforça-se a relevância destes dualismos, na medida em que os mesmos são enriquecedores e contribuem eficazmente para o desenvolvimento da geografia como ciência.

Fora isso é importante frisar que essa diversidade de conceitos sobre Paisagem, relaciona-se com o enfoque que o pesquisador está dimensionando em sua pesquisa, como por exemplo numa análise ecológica pode privilegiar os aspectos naturais, quando o interesse está num inventário ambiental ou noutra situação como no caso da sociologia num enfoque mais cultural.

### 3. A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM NO TRANSCURSO DO SÉCULO XIX PARA O XX.

Entendemos que paisagem, na sua materialidade, surge juntamente com a formação do planeta, podendo desta forma ser estudada desde a Pré-história. Nesse momento a noção de paisagem já é identificada, mesmo sem uma reflexão sobre concepção da mesma, na medida em que a partir da observação do meio, os primitivos habitantes da Terra, retratavam através da pintura rupestre o seu dia-a-dia. No entanto, suas premissas históricas podem ser verificadas a partir do século XV, quando, através do Renascimento cultural, a pintura revela um novo interesse pela natureza, rompendo com a visão de mundo dominada por concepções teológicas.

A partir desse momento, a paisagem começa a ter um significado diferenciado, deixando de ser apenas uma referência espacial ou um objeto de observação e contemplação. Ela se coloca num contexto cultural e discursivo, primeiro das artes e, pouco depois, nas abordagens científicas que rompem com a idéia medieval de que o mundo era uma criação divina.

Na herança do Renascimento, com sua estética romântica naturalista, a paisagem ocupa lugar na Geografia, quando esta se constitui como ciência, no século XIX, através de geógrafos alemães e franceses. As obras “Cosmos” de Alexander Von Humboldt e a “Antropogeografia” de Friederich Ratzel são exemplos de clássicos onde o conceito de paisagem é inserido e foi utilizado como método de análise e entendimento da superfície terrestre.

Humboldt, considerado pai da Geografia, utiliza o termo “paisagens naturais”, designando, assim, áreas homogêneas caracterizadas essencialmente pela morfologia do terreno e a cobertura vegetal que lhe conferia uma fisionomia própria. Seus estudos se concretizaram com viagens realizadas no final do século XVIII, quando por meio do termo *Landschaft*, a noção de paisagem constituiu-se como categoria de análise.

Segundo Tricart (1981, p.7):

Para os geógrafos alemães, geralmente nutridos pelas ciências naturais, a paisagem compõe-se de diversos elementos concretos do ambiente: relevo, plantas, solos. Mas eles não registram as modificações introduzidas pelo

homem e, se for o caso, eles distinguem entre paisagem natural e paisagem humanizada.

Nas palavras de Tricart percebemos que o senso comum nos primórdios da Geografia era uma visão puramente descritiva e vaga do conceito de paisagem, sem levar em conta, na ótica do autor, que “paisagem pode conter um contexto emotivo, estético, intrinsecamente subjetivo do próprio fato”.op.cit

Essa noção de paisagem como sistema que Tricart refere, efetiva-se no século XX, quando o conceito de geossistema é desenvolvido.

É importante salientar, que a Geografia alemã estava interessada em apontar os aspectos concretos da realidade, vistos como importantes para o domínio e organização do espaço. Servindo dessa forma, no século XIX, para a configuração do território nacional alemão, que ainda não existia como Estado no início da sistematização da Geografia por Humboldt e Ritter.

Nesse mesmo contexto, onde a Geografia constitui-se como ciência é preciso considerar ainda, a contribuição de Paul Vidal de La Blache, contemporâneo de Ratzel, para o qual o conceito de paisagem assume uma conotação de região, visto que seus estudos privilegiavam a inter-relação entre os elementos naturais e humanos.

BECKER (2006: P.65), salienta que:

La Blache também acentuou o propósito humano da Geografia, discutindo a relação homem-natureza na perspectiva da Paisagem, não abordando as relações entre os homens. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este meio e o transforma em possibilidades.

Essa perspectiva de paisagem reflete o embate epistemológico no qual a Geografia passava no século XIX, quando a França e a Alemanha disputavam à hegemonia política do continente europeu. Os estudos de La Blache representam uma resposta da França, ao expansionismo alemão sobre os territórios franceses após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), criando as bases da Geografia francesa.

Nas palavras de BEZZI e MARAFON (2005: p.40):

A principal contribuição da escola francesa para a ciência geográfica foi o possibilismo, doutrina que considera o homem como um agente que atua no meio, cria formas sobre a superfície terrestre, e a natureza passa a ser vista como possibilidades para a ação humana. Com o possibilismo a Geografia ultrapassa o perigo de se dividir em geografia física e humana e passa a ser uma ponte entre as ciências naturais e humanas.

Assim nesse primeiro período da Geografia (século XIX e início do século XX), podemos identificar dois métodos de análise e compreensão da paisagem por parte dos geógrafos. Para uns, a paisagem é vista como uma fisionomia caracterizada por formas e seu estudo se dá basicamente pelo método morfológico. A outra linha de estudo privilegia as características de uma área expressas nos seus atributos físico-naturais e humanos, com suas respectivas inter-relações.

Humboldt e La Blache com seus aportes iniciais, possibilitam uma aceitação cada vez maior dentro da comunidade científica, em especial na Geografia, do estudo da paisagem como categoria espacial.

Seguindo a linha de pensamento iniciada por Humboldt, seus seguidores, como por exemplo, Sigfried Passarge, iniciam em fins do século XIX, uma análise da paisagem sob o ponto de vista estrutural, apresentando uma tentativa de compreensão da mesma a partir de escalas hierárquicas. Passarge contribuiu com a primeira obra que se dedica ao estudo exclusivo das paisagens: “Fundamentos da ciência da paisagem”.

Gradativamente percebemos, no início do século XX, a concepção de Paisagem como resultado da interação homem/natureza, possibilitando o amadurecimento da ciência geográfica, integrando Geografia Física e Geografia humana, que até então se debatiam como categorias de análise separadas e possibilitavam a ruptura da Geografia como ciência<sup>2</sup>.

#### **4. A ECOLOGIA DA PAISAGEM E O GEOSISTEMA**

No início da sistematização da geografia, Humboldt forjou a categoria paisagem com um caráter naturalista, baseado na morfologia do terreno. Essa concepção marcou a gênese da Geografia como ciência.

---

<sup>2</sup> Sobre este aspecto não nos debruçaremos no presente artigo.



No início do século XX, a discussão teórica em torno da paisagem, passa a apregoar uma concepção que integrasse os elementos naturais com os elementos de ordem cultural. Karl Troll propôs uma via metodológica no estudo da paisagem a partir da análise da transformação da mesma quando da apropriação pelo homem. Sob seus estudos, dá-se forma a Ecologia da paisagem, mais tarde por ele mesmo designada Geoecologia, definindo-a como: “o estudo das relações físico-biológicas, que governam as diferentes unidades espaciais de uma região”. (Forman e Godron, 1986, p.7)

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Ernest Neef, adotou o termo ecologia de paisagem em suas pesquisas na ex- República Democrática alemã, nos anos de 1960. Segundo NEEF(1967 *apud* Tricard.p.15): “Cada espaço concreto, cada paisagem comporta alguns elementos comuns, que são os princípios da homogeneidade, que constituem em apenas uma parte de suas características”.

Ao lado desses princípios, esse espaço encerra também aspectos diferentes, que respondem a um princípio contrário de diversidade, de heterogeneidade.

A segunda metade do século XX emerge como um período de intensos debates, em função da diversificação e multiplicação dos métodos pelo qual as paisagens são analisadas. Verifica-se o aparecimento de novas abordagens e perspectivas acerca da utilização do conceito de paisagem.

Uma dessas abordagens considera a paisagem como o objeto principal da investigação do cientista (paisagem-objeto). Nesta linha, inclui-se o pensamento da escola soviética dos anos de 1960/70, que preocupada com a necessidade de reordenamento de seu território, parte de uma base essencialmente ecológica, considerando os aspectos relacionados com a vegetação e o uso do solo e sua relação com o meio em que se inserem. Essa linha de pensamento deu seguimento aos estudos do geógrafo Dokuchaev<sup>3</sup>:

Dokuchaev fundou a pedologia sobre a noção de paisagem. Mas trabalhando sobre a planície Russa, de relevo medíocre e monótono, referiu-se exclusivamente ao clima e a vegetação, veículos de uma primeira classificação de solos. (Tricart, 1979, *apud* FIGUEIRÓ, P.18).

Nesse sentido, percebe-se que Dokuchaev desenvolveu o conceito de “paisagem natural” que, conforme afirmamos acima, serviu de base para a

---

<sup>3</sup> Edafólogo russo (1848-1903), considerado por muitos o pai da escola geográfica russa.

formulação das idéias geossistêmicas na década de 1970, tendo como expoente V. Sotchava. Segundo Sotchava (1978, apud Travassos: Filho p.4):

Os geossistemas são os sistemas naturais, de nível local, regional ou global, nos quais o substrato mineral, o solo, as comunidades de seres vivos, a água e as massas de ar, particulares às diversas subdivisões da superfície terrestre, são interconectados por fluxos de matéria e de energia, em um só conjunto.

Essa abordagem emerge num contexto de regime socialista, que tinha no planejamento centralizado, uma necessidade de planejamento e controle territorial. Nesse sentido a idéia integradora dos elementos da paisagem, denominada de geossistema, possibilita o desenvolvimento desta percepção e a expansão da escola soviética. Sotchava foi o pioneiro, mas suas idéias “(...) nunca passaram de aplicações ao quadro da geomorfologia bioclimática e, mas, discretamente da biogeografia”. (BEROUTCHACHVILI e BERTRAND(1978:168, apud Figueiró.

Uma outra abordagem que emerge nesse período apresenta sua linha baseada na lógica do pensamento do território, não apenas centrado nos elementos ecológicos, mas também aos valores sociais, econômicos e culturais.

Nessa linha de pensamento insere-se, por exemplo, J.P.Deffontaines, que define uma paisagem como “uma porção do espaço perceptível a um observador onde se insere uma combinação de fatos visíveis e de ações das quais, num dado momento só percebemos o resultado global.” (Tricart, 1981, p.8).

Também G. Bertrand desenvolve uma análise da paisagem enquadrada nesta linha, tornando o conceito de geossistema mais difundido na Geografia. Concebendo a paisagem a partir de uma visão sistêmica, o autor apresenta sua definição:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1972, p.141).

Na ótica do autor, as unidades de paisagem foram definidas, levando-se em consideração não apenas um ou outro elemento, mas o resultado global da combinação dos elementos paisagísticos, o que se reflete, segundo a dinâmica do conjunto, na sua fisionomia. Para tanto, considerou o tripé: potencial ecológico

(geologia, geomorfologia, clima), exploração biológica (vegetação e solo) e ação antrópica, buscando a inter-relação entre cada um dos elementos, buscando ressaltar o papel desempenhado por cada um na configuração da paisagem.

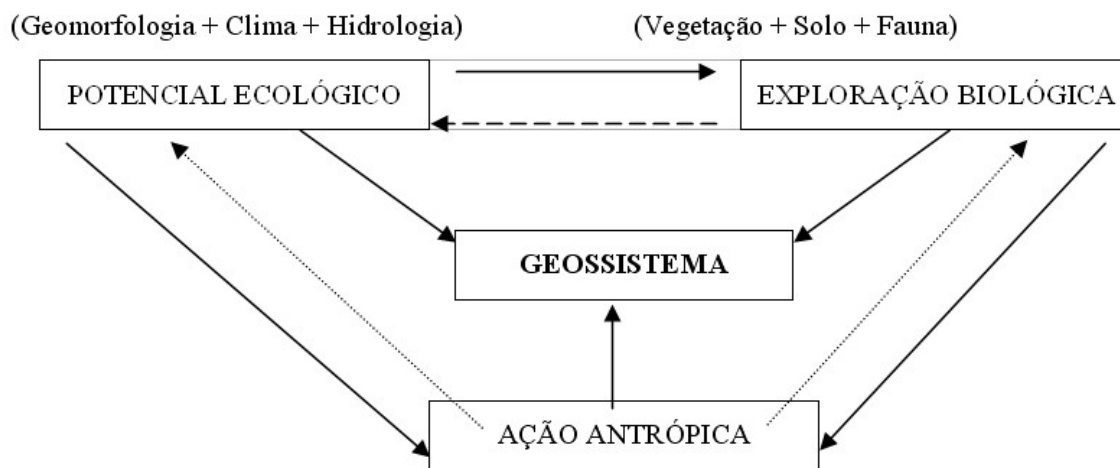


Fig.1: Modelo de entendimento de Paisagem proposto por Bertrand.

Fonte: [geografia.igeo.uerj.br/](http://geografia.igeo.uerj.br/) acesso em 21.04.08

Nestes termos, cada porção da paisagem reflete porções do espaço que apresentam características semelhantes, expressando as condições atuais daquela unidade.

Além da definição das unidades de paisagem, determinou-se a dinâmica de cada uma delas, com base na classificação lançada pelo próprio Bertrand, segundo a qual cada porção do espaço é classificada de acordo com o balanço entre a estrutura abiótica, biótica e a ação antrópica.

Conforme o exposto acima, a ecologia de paisagem e o geossistema são modelos teóricos de análise da paisagem que nos dias atuais respondem melhor as transformações espaciais que o homem empreende e que refletem na organização espacial e na diferenciação das paisagens. O estudo integrado, como apontam os autores citados acima, indicam caminhos que sem dúvida parecem ser os mais adequados a responder as necessidades e problemas concretos originados pela sociedade na atualidade.

## 5. A ATUALIDADE DOS ESTUDOS DE PAISAGEM

Assistimos, no advento do século XXI, a emergência das questões ambientais, que se avolumam. Esse fenômeno está intimamente ligado à perda da qualidade de vida dos seres humanos, devido ao caráter predatório e degradador do meio ambiente relacionado a uma apropriação desregrada da natureza, culminando na alteração constante das paisagens.

Nesse sentido, é nítida a necessidade de se focar a paisagem como elemento transformado e condicionador, que compõe aspectos culturais relevantes da sociedade, que exprime valores, posturas e a própria existência humana como ser explorador e ao mesmo tempo contemplador.

Romero e Jiménez, destacam:

A paisagem é quem adverte os tipos e intensidades do aproveitamento do solo, das conseqüências das atividades humanas sobre o sistema natural e a intensidade dos impactos ambientais, o tempo que desperta a necessidade de proteção frente a certas alterações provocadas pelo homem [...]. (ROMERO e JIMÉNEZ: 2002, p.)

O autor acima citado demonstra que a análise das paisagens, sua dinâmica e inter-relações, alertam os grupos humanos no sentido de refletir e verificar que as intervenções antrópicas podem ser danosas e desconfigurarem a caracterização das mesmas. O homem procura adequar a natureza às suas necessidades e com isso promove transformações drásticas no meio em que vive, sendo que algumas delas podem ser negativas e irrecuperáveis. Nesse sentido, essa categoria de análise do espaço assume importância considerável no âmbito da Geografia moderna, na medida em que torna-se um instrumento importante para a implantação de uma gestão ambiental, que colabore com a preservação dos recursos naturais.

O cientista, ao optar pela análise geográfica a partir do conceito de paisagem, pode concebê-la enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização). Não que, necessariamente, tenha de se entender forma–funcionalidade como uma relação de causa e efeito, mas percebendo-a como um processo de constituição e reconstituição de formas que a dinâmica social empreende. Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como resultado da construção social imposta pelo homem.

Sendo assim, a função da paisagem pode ser compreendida pelas atividades que, de certa maneira, foram ou estão sendo desenvolvidas e que estão materializadas nas formas criadas socialmente (espaço construído, atividades agrícolas, atividades mineradoras, viadutos, vias expressas...) e os desdobramentos

que estas formas materializadas pelo homem dão no que se refere à problemática ambiental.

Fora isso, os estudos de paisagem servem como base para reordenamento de territórios, gestão e planejamento de recursos naturais por parte de organizações não governamentais e organismos oficiais. Além disso, essa categoria espacial insere-se na produção científica e orienta estudos e ações de diversos profissionais, ligados à arquitetura, agronomia, biologia/ecologia.

Nessa premissa, os estudos de paisagem assumem relevada importância em outras ciências, mostrando o caráter interdisciplinar que a Geografia pode oferecer como suporte para, por exemplo, a análise ambiental em Biologia/Ecologia. Metzger (2001: p.01) destaca:

A ecologia da paisagem é uma nova área do conhecimento dentro da ecologia, marcada pela existência de duas principais abordagens: uma geográfica, que privilegia o estudo da influência do homem sobre a paisagem e a gestão do território; e a outra ecológica, que enfatiza a importância do contexto espacial sobre os processos ecológicos, e a importância destas relações em termos de conservação biológica. Estas abordagens apresentam conceitos e definições distintas e por vezes conflitantes, que dificultam a concepção de um arcabouço teórico comum. (...) Proponho uma definição integradora da paisagem como sendo 'um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação.' Esse 'mosaico heterogêneo' é essencialmente visto pelos olhos do homem, na abordagem geográfica, e pelas espécies ou comunidades estudadas na abordagem ecológica. O conceito de paisagem proposto evidencia ainda que a paisagem não é obrigatoriamente um amplo espaço geográfico ou um novo nível hierárquico em ecologia, justo acima de ecossistemas, pois a escala e o nível biológico dependem do observador e do objeto de estudo. A ecologia da paisagem vem promovendo uma mudança de paradigmas nos estudos sobre a fragmentação e a conservação de espécies e ecossistemas, pois permite a integração da heterogeneidade espacial e do conceito de escala na análise ecológica, tornando esses trabalhos ainda mais aplicados para a resolução de problemas ambientais.

Nessa mesma linha de pensamento, KOTLER (1976, apud MAXIMIANO. P.8), destaca a contribuição dos estudos de paisagem em outras áreas além da Geografia:

Para o sociólogo ou economista, a paisagem é à base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser exemplificadas segundo leis e modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas.

Acredita-se que essa parcela de contribuição gerada pelos geógrafos deva servir como referencial nos questionamentos e nas decisões em relação à adoção de modelos de modernização, tanto em relação ao meio rural como urbano, principalmente naquelas que levam em consideração exclusivamente os mecanismos econômicos e políticos, em detrimento das dinâmicas ambientais. Neste sentido, deve-se levar em conta que ao conhecer a dinâmica das paisagens o pesquisador estará dessa forma otimizando ações que minimizem os impactos ambientais.

A Geografia ao privilegiar uma conversa com outras ciências, reforça seu papel e justifica nos dias atuais a expansão dos cursos de pós-graduação e do grande contingente de profissionais que buscam nela referenciais teóricos que auxiliam na compreensão das diferentes dinâmicas entre homem e natureza que são refletidas na construção do espaço.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A discussão do conceito paisagem é um tema clássico na Geografia. Desde o século XIX, com a efetiva sistematização científica da mesma, esse conceito vem sendo discutido para se entenderem as relações sociais e naturais de um determinado espaço.

O conceito paisagem, pela carga de subjetividade que tem traduzido ao longo do tempo, tem suscitado muitas discussões, dentro da Geografia, ocupando destaque junto a outras categorias de análise como território, espaço, lugar e região.

Acreditamos que esse embate de várias acepções proporciona o avanço da ciência geográfica, na medida em que a limitação de uma explicação a partir de determinado modelo, leva a construção de outro, que busca o entendimento e a complexidade que o conceito paisagem suscita.

Após revisitarmos o conceito de paisagem, percebemos que o mesmo assumiu diferentes concepções ao longo da trajetória de construção da ciência geográfica. Variou em função da escala de tempo e espaço, bem como a diferentes contextos sócio-econômicos que emergiram. Fora isso, acreditamos que na atualidade não existe uma Geografia que responda em sua totalidade ao estudo da

paisagem, seja pela complexidade que o termo gera, e pelo enfoque que o pesquisador empreende, bem como os objetivos que sua pesquisa visa atingir.

Na atualidade, os estudos de paisagem, assumem uma renovação na medida em que assistimos a emergência da questão ambiental, abrindo um leque de discussões na área da Biologia/Ecologia que, apoiando-se na Geografia, privilegia uma análise que busca entender a interferência do homem sobre a paisagem, os impactos que o mesmo projeta sobre os ecossistemas, evidenciando um trabalho de zoneamento ambiental que possibilite a preservação ecológica e a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas.

Desta forma, o estudo da paisagem responde a demanda crescente da problemática ambiental em várias escalas: local, regional e global (aquecimento, perda da biodiversidade, escassez de água, extinção de espécies, entre outros.) possibilitando o planejamento, o manejo, a conservação e a melhoria da paisagem.

Além da Biologia/Ecologia, outras ciências como a Agronomia, a Sociologia, a Arquitetura, usam esta categoria de análise como suporte para sedimentar as bases epistemológicas de cada ciência. Essa conversa entre as ciências revela o caráter interdisciplinar que a Geografia assume na atualidade.

## **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECKER, Elsbeth Leia Spode. História do Pensamento Geográfico. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano. 2006. 112p

BEZZI, Meri Lourdes e Marafon, Gláucio José. Historiografia da ciência geográfica. Santa Maria: UFSM, CCNE, Curso de Geografia, 2005. 111 p.

CORREA, Roberto Lobato e Rosendahl (Org.) Paisagem, Tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124 p

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis. Editora da UFSC. 1999. 454 P.

FIGUEIRÓ, Adriano Severo. Geoecologia e paisagem: revisitando um caminho epistemológico. Rio de Janeiro: UFRJ. CCMN-Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001.40 p.

FORMAN, R.T.T. & GODRON, M. 1986. Landscape Ecology. Wiley e Sons Ed. New York.

METZER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? Revista Biota Neotropica. Fapesf. São Paulo. 2001

ROMERO, Arturo Garcia e Jiménez, Julio Munoz. El paisaje em el Âmbito de la Geografia. Cidade do México: Instituto de Geografia. 2002. 137 p.

SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA;ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura, Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. Revista Geocrítica. Madrid. 1999

TRAVASSOS, Eduardo Panisset e FILHO, Oswaldo Bueno Amorim. A percepção geográfica da paisagem cárstica como instrumento de preservação. Revista de Biologia e ciências da Terra. Universidade Estadual da Paraíba2001

TRICART, Jean L. F. Paisagem e Ecologia: Igeo/USP. São Paulo. 1981

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de Paisagem. Revista Raega. Editora UFPR. 2004